

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Diego Gonzaga Nascimento.

**O PODER DA PALAVRA E A BELEZA DA CANÇÃO: UM DIÁLOGO ENTRE RUBEM ALVES E
MILTON NASCIMENTO.**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Arnaldo Erico Huff Júnior.

Juiz de Fora
2025

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **DIEGO GONZAGA NASCIMENTO**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número **201972155A**, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O PODER DA PALAVRA E A BELEZA DA CANÇÃO: UM DIÁLOGO ENTRE RUBEM ALVES E MILTON NASCIMENTO**, desenvolvido durante o período de **14/11/2024** a **11/03/2025** sob a orientação de **ARNALDO ERICO HUFF JÚNIOR**, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 20 de março de 2025.

DIEGO GONZAGA NASCIMENTO

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou (X) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

O PODER DA PALAVRA E A BELEZA DA CANÇÃO: UM DIÁLOGO ENTRE RUBEM ALVES E MILTON NASCIMENTO.

Diego Gonzaga Nascimento

RESUMO:

O projeto inscrito para o Trabalho de Conclusão de Curso 2025.1 tem como base a religiosidade das músicas de Milton Nascimento de acordo com as teses apresentadas por Rubem Alves. Desta forma, nosso intuito é identificar os elementos presentes em algumas músicas compostas por Bituca e relacioná-las com os conceitos abordados por Rubem Alves em *O Poeta, o Guerreiro e o Profeta* (1992), *O Que é Religião?* (2010), e finalmente em *Suspiro dos Oprimidos* (1984). Este artigo busca elaborar um paralelo entre o papel da beleza e da palavra dentro da Teopoética elaborada na bibliografia de Rubem Alves e algumas das canções de Milton Nascimento, com o destaque para o álbum *Travessia* (1967). Durante a elaboração deste trabalho, nos focamos em analisar as músicas *Travessia*, *Três Pontas*, *Morro Velho* – as três do álbum de 1967 -, *Encontros e Despedidas* (1985) e *Anima* (1982). Através do conteúdo elaborado neste artigo, pretendemos apresentar uma entre tantas possíveis manifestações da beleza teopoética defendida por Rubem na Música Popular Brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Teopoética, Diálogo, Símbolo, Milton Nascimento.

INTRODUÇÃO:

Este projeto tem como finalidade destrinchar a essência religiosa contida nas músicas produzidas por Milton Nascimento e analisá-las a partir das teses elaboradas por Rubem em *O Suspiro dos Oprimidos* (1984), *O Poeta o Guerreiro e o Profeta* (1992) e *O que é Religião* (2010). Analisaremos três canções do álbum *Travessia*¹ (1967): *Travessia*, *Três Pontas* e *Morro Velho* assim como as canções homônimas dos álbuns *Encontros e Despedidas* (1985) e *Anima* (1982). A análise destas obras, em conjunto com a vida e a obra de Milton Nascimento, busca identificar e elaborar os conceitos de saudade, sonho e protesto dentro da perspectiva da teopoética alvesiana.

A saudade é um sentimento condicionado pela ausência. Se manifesta como uma memória, uma forma de falar sobre o vazio do Eu (ALVES, 1992, p. 54). O sonho está ligado ao desejo, ao íntimo. O protesto se manifesta como uma forma que busca acabar com as angústias, desejando melhorar sua materialidade (ALVES, 2010, p. 107).

A religião, nesse sentido, é compreendida como linguagem, simbolicamente (ALVES, 2010, p. 22), “presença da ausência”, em meio a saudades, sonhos e protestos. Na religião, contamos com a presença dos símbolos. Não é preciso ser religioso para vivenciar uma experiência religiosa. Se a experiência religiosa se sustenta no desejo e na busca pelo sentido da vida, ela também pode ser atribuída a outros meios para além do que se entende como sagrado. É nesse sentido que se dá a concepção do símbolo, uma vez que ele atua como ponto de referência tanto para a manifestação de uma presença da ausência, quanto para uma construção de sentido para a vida. Como descreve Rubem Alves (2010, p. 22): “Símbolos assemelham-se a horizontes. Horizontes: onde se encontram eles? Quanto mais deles nos aproximamos, mais fogem de nós. E, no entanto, cercam-nos atrás, pelos lados, à frente. São o referencial do nosso caminhar.” Em Milton Nascimento, o trem torna-se símbolo entre encontro e despedida.

A TEOPOÉTICA ALVESIANA E AS CANÇÕES DE BITUCA:

¹ Álbum completo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EQut1t1BZsSs&list=PLwA6r0LbtzdgXwUt_fOurZunDlatE77F. Acesso em: 10 de março de 2025.

Podemos começar definindo o que é teopoética: a teopoética é, em linhas gerais, uma relação entre estética e literatura dentro campo religioso. Em outras palavras, é a prática litúrgica não somente como uma manifestação do sagrado, mas também como manifestação artística. Sua etimologia deixa ainda mais claro sobre o que ela se trata, vindo de *theos* e *poesis* - “poesia divina” ou “criação artística do sagrado”, em uma tradução livre -. A teopoética, como veremos ao decorrer deste artigo, não se limita, portanto, apenas a materiais textuais: a música, a dramaturgia e as artes visuais e plásticas, por exemplo, também possuem seu valor teopoético.

Um dos conceitos fundamentais em Rubem Alves é o da beleza, sendo esta parte inerente à estética. A beleza, como vemos na teopoética alvesiana, é o próprio alicerce para a criação sagrada. Podemos ver esta relação entre beleza e criação quando Alves fala do Jardim, o berço de toda a vida, segundo Gênesis. Foi no Jardim do Éden que Deus criou os seres vivos, incluindo os humanos - Adão e Eva -. Podemos dizer, então, que o Jardim do Éden é, de acordo com a mitologia abraâmica, a origem tanto da vida quanto do belo.

A SAUDADE:

Saudade é o sentimento da presença de uma ausência: o brinquedo da criança que morreu, uma velha fotografia, uma carta que acaba de chegar, um quarto vazio. Saudade é o nome para este sentimento de mutilação, “pedaço arrancado de mim”, “revés do parto, arrumar o quarto para o filho que já morreu... (ALVES, 1992, p. 49).

A definição de saudade para Rubén Alves significa a presença de uma ausência, isto é a saudade não é algo concreto, mas sim simbólico, a reflexão de um desejo. A fotografia de um ente querido na estante da sala, seja um já falecido ou que apenas está longe, representa a sua presença, ainda que este não esteja ali fisicamente. Claramente, neste caso a saudade representa o desejo pela presença daquele que partiu, carregada por aquele que a deseja em sua memória. A saudade é um sentimento condicionado pela ausência. Se manifesta como uma memória, uma forma de falar sobre o vazio do Eu (ALVES, 1992, p, 54).

Poderíamos dizer, também, que a saudade é nada mais, nada menos que uma palavra, e que, portanto, é meramente abstrata fora de seu contexto. Contudo, a saudade é uma palavra poderosa o bastante para que, embora não exista uma tradução para cada língua no mundo, possui um significado universal: todos entendemos o significado de saudade, do brasileiro ao coreano, mesmo que cada povo a chame de derivados nomes e a expliquemos cada um com sua experiência, a saudade é inerente ao homem. A saudade está ligada à nostalgia, o desejo de retorno ao passado, ao momento em que não percebíamos a ausência daquilo ou daquele que foi perdido.

Quando você foi embora
Fez-se noite em meu viver
Forte eu sou, mas não tem jeito,
Hoje eu tenho que chorar
Minha casa não é minha,
E nem é meu este lugar
Estou só e não resisto,
Muito tenho pra falar
(...)

A faixa homóloga do álbum, *Travessia*², refere-se, sobretudo, à saudade e a angústia pela perda. Aqui, Bituca expressa um sentimento de pesar ligado ao luto, o que nos faz entender que o verso “Quando você foi embora” se refere a morte de um ente querido. Os versos seguintes reforçam tal hipótese, pois embora sejam expressas por seu eu lírico, coincidem bastante com eventos presentes em parte de sua biografia, sobretudo durante a infância.

² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kDe3qOhrJLo>> Acesso em: 23 de novembro de 2023.

Milton Nascimento também falou sobre a saudade em *Três Pontas*³, canção do álbum *Travessia*. A letra se refere a chegada do trem à velha cidade, trazendo pessoas e histórias de outros lugares, de tão, tão longe. Entretanto, o mesmo trem que traz é o trem que, eventualmente, os leva embora. Ainda assim, o momento de encontro entre os moradores e os viajantes, por mais breve ou longo que possa ser, é um momento prazeroso e, poderíamos assim dizer, único. O reencontro é, desta forma, traz consigo a nostalgia.

Anda, minha gente	Enfim, voltou
Vem depressa, na estação	No trem
Pra ver o trem chegar	E voltou contando histórias
É dia de festa	De uma terra tão distante do mar
E a cidade se enfeita	Vem trazendo esperança
Para ver o trem	Para quem quer
Rever gente que partiu	Nessa terra se encontrar
Pensando um dia em voltar	(...)

O trem presente em *Três Pontas* – canção que curiosamente é homóloga à cidade onde Bituca cresceu – é o símbolo da ausência, isto porque ele carrega consigo a satisfação temporária daquele desejo pelo reencontro. O símbolo, para Rubem Alves, é como o horizonte: ao mesmo tempo em que norteia o indivíduo, também se encontra distante, inalcançável. O trem é um símbolo da ausência pois ao mesmo tempo em que ele representa o retorno ao passado, ele não o satisfaz por completo o desejo, uma vez que esse prazer é finito. Entretanto, o momento da despedida, embora seja doloroso a princípio, gradativamente é amenizado pela expectativa do retorno. Em outras palavras, a proposta de relação do desejo através do símbolo circula entre a ansiedade e a satisfação. Neste caso, *Encontros e Despedidas*⁴ (1985) dialoga diretamente com *Três Pontas*, o que nos permite observar uma complementaridade entre ambas as canções:

(...)
Tem gente que vem e quer voltar
Tem gente que vai, quer ficar
Tem gente que veio só olhar
Tem gente a sorrir e a chorar
E assim chegar e partir
São só dois lados da mesma viagem
O trem que chega é o mesmo trem da partida
A hora do encontro é também despedida
A plataforma dessa estação é a vida desse meu lugar
É a vida desse meu lugar, é a vida
(...)

De fato, o que aqui entendemos como saudade não está presente somente em *Três Pontas*, como também em *Travessia*, canção inaugural do álbum de mesmo nome. Em *Travessia*, a saudade é melancólica, ao contrário *Três Pontas*, onde ela é acompanhada de alegria. Aqui, o eu lírico adotado por Bituca expressa a dor de uma perda. Intrigantemente, a primeira estrofe pode sugerir tanto a simples partida, quanto a morte de um ente querido, hipótese essa que pode ser levada em consideração sobretudo pelas semelhanças com parte da biografia do autor. Neste último caso, o lamento expresso na canção possui um sentido igualmente ambíguo: nos lembremos que bituca perdeu a mãe biológica precocemente, a jovem Maria do Carmo, vítima de uma tuberculose (DOLORES, 2011, p. 36-38). Na verdade, foi Lília a figura materna de Milton em seus anos de infância e juventude, até mesmo no período em que Maria estava acometida pela doença, tendo pouco contato com seu filho. A outra semelhança entre a letra e a biografia de Bituca se relacionam com a difícil adaptação à convivência com seus avós, em Juiz de Fora.

O SONHO:

³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2M4NPm82DpA>> Acesso em: 23 de novembro de 2023.

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zhqOxxiiBbl>> Acesso em: 23 de novembro de 2023.

Sonhos contêm revelações de uma verdade reprimida que só pode aparecer mascarada de *non-sense*. É justamente aí que a psicanálise procura a verdade. Guimarães Rosa era um mestre nisto e sabia que “o não-senso reflete por um triz a coerência do mistério geral, que nos envolve e cria” (T 8). (ALVES, 1992, p. 20).

O sonho é uma manifestação do desejo no subconsciente, e por isso está relacionado com o que nos há de mais íntimo. É através dos sonhos que somos capazes de nos conhecer verdadeiramente e, talvez por isso a Psicanálise se interesse tanto em tomá-lo como objeto de estudo.

É possível dizer que o maior motivador do homem é seu desejo, ou como diria Schopenhauer (2001, p. 120), é o *egoísmo*. O egoísmo, segundo Schopenhauer, está presente tanto nos homens quanto nos animais, relacionando ações em comum, como a autopreservação e também a perpetuação da espécie. O querer, ou a vontade, é o fundamento para todas as ações egoístas. Enquanto os animais correspondem à vontade através do instinto, para o homem, não se trata apenas de um desejo de sobrevivência, como também de uma busca por autoafirmação. Ao contrário dos animais, portanto, o homem é capaz de reconhecer a própria vontade, ou melhor, o próprio egoísmo. Neste sentido, tanto Rubem Alves (2010, p. 14-35) quanto Schopenhauer concordam que o desejo e/ou a vontade humana não se resume em um mero instinto de preservação ou um impulso para satisfazer o corpo – por exemplo, todos os animais, incluindo os humanos, desejam saciar sua fome de uma forma ou outra -, porém há algo de exclusivo aos seres humanos, para além da razão, que nos difere das demais espécies: somos plenamente capazes de reconhecer o próprio desejo e, devido a isso, é capaz de dominar o corpo.

Do ponto de vista genético ela já se encontra totalmente determinada: cor da pele, dos olhos, tipo de sangue, sexo, suscetibilidade a enfermidades. Mas, como será ela? Gostará de música? De que música? Que língua falará? E qual será o seu estilo? Por que ideais e valores lutará? E que coisas sairão de suas mãos? E aqui os geneticistas, por maiores que sejam os seus conhecimentos, terão de se calar. Porque o homem, diferentemente do animal que é o seu corpo, tem o seu corpo. Não é o corpo que o faz. É ele que faz o seu corpo. (ALVES, 2010, p. 16).

Vejamos então que, se o sonho é a manifestação do desejo em nosso subconsciente, a imaginação e a criatividade são a manifestação deste na materialidade. É claro, só podemos criar algo quando desejamos que esse algo não apenas exista, como possa saciar nosso desejo. É neste sentido que o homem cria a Língua, a Ética, a Cultura, a Comunidade, as Leis e um conceito onde todos estes irão se encontrar: a Religião.

E é aqui que surge a religião, teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretensiosa tentativa de transubstanciar a natureza. Não é composta de itens extraordinários. Há coisas a serem consideradas: altares, santuários, comidas, perfumes, lugares, capelas, templos, amuletos, colares, livros... e também gestos, como os silêncios, os olhares, rezas, encantações, renúncias, canções, poemas romarias, procissões, peregrinações, exorcismos, milagres, celebrações, festas, adorações. (...) Uma pedra não é imaginária. Visível, concreta. Como tal, nada tem de religioso. Mas no momento em que alguém lhe dá o nome de altar, ela passa a ser circundada de uma aura misteriosa, e os olhos da fé podem vislumbrar conexões invisíveis que a ligam ao mundo da graça divina. E ali se fazem orações e se oferecem sacrifícios. Pão, como qualquer pão, vinho, como qualquer vinho. Poderiam ser usados numa refeição ou orgia: materiais profanos,

inteiramente. Deles não sobe nenhum odor sagrado. E as palavras são pronunciadas: "Este é o meu corpo, este é o meu sangue..." — e os objetos visíveis adquirem uma dimensão nova, e passam a ser sinais de realidades invisíveis. (ALVES, 2010, p. 23-26).

Assim, podemos ver que tão importante para o homem quanto sua capacidade de imaginação e criação, é a capacidade de dar nome às coisas, ou melhor dizendo, da concepção e atribuição de sentido. É aqui que o homem, através da Religião, transcende e domina a Natureza, onde tudo que existe, existe por si só, sem propósitos ou juízos de valor. Na Religião, os Símbolos existem justamente para atender tal necessidade de dar nome e sentido às coisas concretas, sejam as imaginadas e criadas pelo homem ou as já existentes na natureza. E é a partir deste pressuposto que podemos entender porque, dentro da Religião, objetos de origens distintas podem ter significados -e ressignificados- correspondentes e objetivos comuns, como a pedra pode se tornar altar, e pão e vinho podem se tornar corpo e sangue.

E como a imagem do trem, presente em *Três Pontas* e em *Encontros e Despedidas* pode ser símbolo? É simples! Em ambas as músicas, a figura do trem é ressignificada, não sendo apenas um meio de transporte que leva e traz pessoas, como também representa o horizonte entre a saudade e o reencontro: o reencontro acontece por um breve momento entre as personagens, até ser interrompido pelo momento da despedida, dando retorno à saudade. O desejo do reencontro, por sua vez, se torna o desejo insaciado, sendo simbolizado pela chegada do trem à cidade. Na Religião, portanto, os Símbolos representam um horizonte para o homem: são o referencial para sua jornada, ao mesmo tempo em que correspondem o desejo inalcançável. Os Símbolos têm sua origem no mundo visível, sendo escolhidos pelo homem para promover sua conexão com o Sagrado.

A canção *Anima*⁵ (1982) traz, para dentro da teopoética o entendimento de sonho, desejo e nostalgia por Milton Nascimento:

Lapidar	E ao entardecer
Minha procura toda	Olhar com calma, então
Trama lapidar	Alma vai além de tudo
O que o coração	Que o nosso mundo
Com toda inspiração	Ousa perceber
Achou de nomear gritando	Casa cheia de coragem
Alma	Vida
Recriar	Tira a mancha
Cada momento belo	Que há no meu ser
Já vivido e mais	Te quero ver
Atravessar fronteiras	Te quero ser
No amanhecer	Alma

O PROTESTO:

E foi assim que, cerca de 2 500 anos antes que qualquer pessoa dissesse que a religião é o ópio do povo, eles perceberam que até mesmo os nomes de Deus e os símbolos sagrados podem ser usados pelos interesses da opressão, e acusaram os sacerdotes de enganadores do povo e os falsos profetas de pregadores de ilusões (...) E em oposição a esta falsa religião que sacralizava o presente eles teceram, com as dores, tristezas e esperanças do povo, visões de uma terra sem males, uma utopia, o Reino de Deus, em que as armas seriam transformadas em arados, a harmonia com a natureza seria restabelecida, os lugares secos e desolados se converteriam em mananciais de águas, os poderosos seriam destronados e a terra devolvida, como herança, aos mansos, fracos, pobres e oprimidos. (ALVES, 2010, p. 105).

⁵ Disponível <https://www.youtube.com/watch?v=tFvLA_zrCA>. Acesso em: 23 de novembro de 2023.

Como nos mostra o próprio Rubem Alves, religião e política não somente se discutem, como ambas andam entrelaçadas. E tal fato mantém-se desde as religiões da antiguidade até às do nosso tempo. Através da História, podemos notar uma relação bilateral entre religião e política: à Fé hegemônica, a bênção do Estado. À Fé marginalizada, a guerra - e isto, a política brasileira nos lembra muito bem, sobretudo nas últimas décadas. Outro ponto trazido por Alves (2010, p. 102-114) ao falar sobre o Deus dos Oprimidos contra o Deus dos Opressores, condiz diretamente com o pensamento outrora defendido por Marx e Engels e hoje pelos marxistas: a história das sociedades, e por isso também a história das religiões, é a história da luta de classes. E o próprio Rubem demonstra concordar com este pensamento:

Mas, não é verdade que toda sociedade tem uma classe dominante e uma classe dominada? Uma classe que pode e outra que não pode? Uma classe forte e uma classe fraca? Até mesmo as crianças e velhos sabem disto — especialmente as crianças e velhos. E também os migrantes, e os camponeses assolados pela seca, e os doentes que morrem sem atendimento médico... e assim por diante. E a conclusão que se segue, necessariamente, é que os sonhos dos poderosos têm de ser diferentes dos sonhos dos oprimidos. E também suas religiões... (ALVES, 2010, p. 109).

Contudo, Rubem discorda da definição de religião como “ópio do povo” - ou pelo menos da forma em que esta é erroneamente usada por parte dos marxistas -, como se fosse sua única função social amenizar a angústia dos oprimidos, mantendo-os assim em uma posição de alienante. Entretanto, ao mesmo tempo em que pode alienar, também pode servir de refúgio. A Religião, neste sentido, traz consigo o prenúncio de liberdade, de uma terra sem senhores e sem desigualdades. Foi percebendo isso que Engels (ALVES, 2010, p. 112) foi capaz de comparar os ideais marxistas com o cristianismo primitivo. Assim como os marxistas, os profetas também denunciaram as classes dominantes e defendiam um modelo de liberdade para os oprimidos. Sobre a relação da religião enquanto elemento a serviço dos opressores, podemos observá-la como ferramenta das classes dominantes para a manutenção do status quo. Como descreve Walter Benjamin (2013, p. 15), o capitalismo enquanto religião possui caráter culpabilizador, naturalizando e sacralizando as desigualdades sociais. Essencialmente, lidar com as contradições do capitalismo enquanto religião é “aguentar até o fim, até a culpabilização final e total de Deus, até que seja alcançado o estado de desespero universal, no qual ainda se deposita alguma esperança.” (BENJAMIN, 2013, p. 15).

A teopoética presente em Rubem Alves nos mostra que tal como na religião, a política também está presente na arte e na beleza. Como o próprio diz em *O Poeta, o Guerreiro e o Profeta*, a beleza possui uma política que nasce de si própria, e por isso capaz de cativar e de mudar o mundo. Esta mesma beleza, sobretudo quando presente nas coisas tristes (HUFF, 2023, p. 323), é também mais sincera e humana do que é a velha política, desprovida de qualquer amor transformadora dos homens em coisas.

Bituca foi um entre tantos artistas que entendeu bem o uso da teopoética, por isso fez valer a escolha de suas músicas para este trabalho. A beleza e a sensibilidade presentes em letra e melodia carregam consigo uma mensagem tanto mística quanto política. *Travessia* também possui um outro aspecto em sua beleza, como descrito por Rubem Alves: a beleza como protesto. *Travessia* não é apenas uma canção sobre tristeza e saudade, como também é uma canção política - e não é a única -, principalmente se levarmos em conta a época em que foi composta. Com seu álbum sendo lançado em plena Ditadura Militar⁶, o refrão carrega consigo uma crítica a atmosfera opressiva do final dos anos 60:

(...)
Solto a voz nas estradas
Já não quero parar

⁶ A primeira versão de *Travessia* foi produzida e gravada em 1967, ano anterior à implementação do AI-5. Ainda assim o novo regime já se encaminhava para um molde ditatorial desde o Golpe de 64. A cronologia dos atos institucionais pode ser encontrada em <https://www4.planalto.gov.br/legislacao/portal-legis/legislacao-historica/atos-institucionais>. Acesso em: 11 de março de 2025.

Meu caminho é de pedra
Como posso sonhar?
Sonho feito de brisa
Vento, vem terminar
Vou fechar o meu pranto
Vou querer me matar
(...)

*Morro velho*⁷ é outra canção onde podemos encontrar a beleza como protesto. De tom melancólico, a música retrata o distanciamento entre dois amigos de infância, separados por sua classe e sua cor. O garoto branco é filho de um dono de terras, que pode deixar a vida no campo para estudar na cidade grande. O garoto negro, por sua vez, não apenas é filho de empregados como também trabalha nela. Essa diferença, embora despercebida no começo, tornou-se mais nítida conforme passavam os anos. O jovem branco, que deixara o amigo com pesar, retorna diferente: tem status e pretendente, irá herdar a propriedade de seu pai. O velho camarada, entretanto, agora é empregado: “já não brinca, mas trabalha”:

No sertão da minha terra	Filho do senhor vai embora
Fazenda é o camarada	Tempo de estudos
Que ao chão se deu	Na cidade grande
Fez a obrigação com força	Parte, tem os olhos tristes
Parece até que tudo aquilo ali é seu	Deixando o companheiro
Só poder sentar no morro	Na estação distante
E ver tudo verdinho, lindo a crescer	Não esqueça, amigo, eu vou voltar
Orgulhoso camarada	Some longe o trenzinho
De viola em vez de enxada	Ao Deus-dará
Filho de branco e do preto	Quando volta já é outro
Correndo pela estrada	Trouxe até sinhá mocinha
Atrás de passarinho	Para apresentar
Pela plantação adentro	Linda como a luz da lua
Crescendo os dois	Que em lugar nenhum
Meninos, sempre pequeninos	Rebrilha como lá
Peixe bom dá no riacho	Já tem nome de doutor
De água tão limpinha,	E agora na fazenda
Dá pro fundo ver	É quem vai mandar
Orgulhoso camarada	E seu velho camarada
Conta histórias pra moçada	Já não brinca mais, trabalha

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A espinha dorsal da teopoética alvesiana encontra-se na beleza. Alves entendia que o belo possui poder transformador em cada instância da cultura humana. Nas artes, nas ciências assim como na religião. Na verdade, é a beleza tão contemplada nos textos de Rubem Alves a força motriz para o encantamento do mundo. A experiência religiosa não está ligada apenas aos símbolos e espaços sagrados, mas sobretudo ao próprio desejo humano de encantar o mundo. Por isso talvez nos apegamos tão fortemente com as artes, pelo seu poder de nos tirar do sufocante tempo profano e do utilitarismo capitalista e nos transportar para o tempo sagrado. Podemos dizer que, se não fosse pela existência da *poesis*, a vida humana pouquíssimo teria de diferente da dos demais animais, que vivem somente de saciar somente o desejo corpóreo, a fome do corpo e somente do corpo. Nossa relação com o tempo sagrado⁸ se faz tão fundamental quanto qualquer necessidade fisiológica. Sem o tempo sagrado e sem a arte, existiria somente o tempo profano, e por conseguinte a vida humana se tornaria insensível, nos levando a uma eventual anomia.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tFvLA_zrCA>. Acesso em: 23 de novembro de 2023.

⁸ Eliade entendia que a vida humana se divide em dois tempos: o sagrado e o profano. O primeiro se baseia no tempo material, no tempo produtivo, podendo ser mensurado. O segundo é o tempo além do tempo, podendo servir tanto ao ócio quanto à espiritualidade, sendo assim imensurável e “inútil” para a vida produtiva. (ELIADE, 1992, p. 38-42).

Estou assumindo, conscientemente, o risco de parecer tolo, e repetir aquilo que já tem sido dito por profetas, artistas e poetas: Há uma política que nasce da beleza. A beleza tem o poder de transformar o mundo. Não conheço nenhuma obra poética em que isto tenha sido dito de forma mais bela que O operário em construção, do Vinícius de Moraes. É a história de uma metamorfose: de como o camelo se transforma em leão, e aquele que só sabia dizer sim aprendeu a dizer não. História de um operário, profecia e esperança do nascimento de um povo. (ALVES, 1993, p. 110).

É justamente a beleza da *poesis* que se encontra nas canções de Milton Nascimento e dialoga com o sagrado. Seja em Travessia, Três Pontas, Morro Velho ou em Anima, a beleza abordada por Rubem se manifesta tanto pela alegria quanto, e sobretudo, pela tristeza. A saudade é onde a beleza da tristeza se faz mais evidente, e se formula como presença da ausência. Rubem Alves (2002, p. 78) nos diz que se a fome é a necessidade do corpo se saciar e repor suas forças, a saudade é por sua vez a fome da alma. Tanto a fome quanto a saudade são um misto de desejo e necessidade, um entendimento de que existe um – seja no corpo ou na alma – que precisa ser preenchido.

A saudade é um buraco dolorido na alma. A presença de uma ausência. A gente sabe que alguma coisa está faltando. Um pedaço nos foi arrancado. Tudo fica ruim. A saudade fica uma aura que nos rodeia. Por onde quer que a gente vá, ela vai também. Tudo nos faz lembrar a pessoa querida. Tudo que é bonito fica triste, pois o bonito sem a pessoa amada é sempre triste. Ai, então, a gente aprende o que significa amar: esse desejo pelo reencontro que trará a alegria de volta. A saudade se parece muito com a fome. A fome também é um vazio. O corpo sabe que alguma coisa está faltando. A fome é saudade do corpo. A saudade é a fome da alma. (ALVES, 2002, p. 78).

Saudade, sonho, e protesto, os três elementos da Teopoética alvesiana que se complementam e se apresentam nas letras e melodias de Bituca. A harmonia presente entre letra e melodia – o essencial para que uma canção ganhe vida – e o diálogo entre cada canção apresentada ao decorrer deste trabalho nos apresenta um recorte do encantamento do mundo proposto por Rubem Alves, um transbordado pela beleza em suas diferentes nuances.

Rubem acreditava no poder das palavras, acreditava na magia que elas evocavam, afinal, palavras são símbolos do ausente. Cervantes-Ortiz conta que em determinado encontro de lideranças religiosas, Alves chamara a atenção das pessoas sobre o papel das igrejas em relação à libertação do povo. Para ele, o problema não era somente ajudá-las, era fazer ressuscitar os corpos mortos, e isso só era possível com o poder da beleza. (MARTINS; ALMEIDA, 2017, p. 14).

O poder da beleza presente em Rubem Alves também se encontra no meio político. Ele entendia o papel do *poeta*, isto é, do artista, como o maior detentor do potencial revolucionário. Em sua tese, o poder de criar através da beleza tem tanto efeito no mundo material quanto o *profeta* – há de se entender a figura do profeta para Rubem como alguém não necessariamente ligado à religião, mas capaz de uma forte comunicação popular - tem em organizar e orientar os oprimidos contra os opressores.

Na religião, o profeta é quem busca, através da beleza do sagrado, o rompimento das correntes e a libertação dos povos. Desta forma, o poeta aquele que traz a palavra enquanto manifestação da saudade, sonho e protesto, sendo esse símbolo da ausência, o guerreiro é o oprimido que se ergue contra as forças do opressor, o profeta é quem faz da religião como arma para a liberdade dos povos. Os três, unidos em sua jornada rumo ao jardim das delícias.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Rubem. **O poeta, o guerreiro, o profeta**. Petrópolis: Vozes, 1992.

ALVES, Rubem. **O que é religião**. Loyola, 2010.

ALVES, Rubem. **O suspiro dos oprimidos**. São Paulo: Paulinas, 1984.

ALVES, Rubem. **Retratos do amor**. Papyrus, 2002.

BENJAMIN, Walter. **O Capitalismo Como Religião**. 1ª Edição. São Paulo: Boitempo, 2013

DOLORES, Maria. **Travessia** - a vida de Milton Nascimento. Record, 2011

ELIADE, Mircea. **O Sagrado E O Profano**. 1ª Edição: março de 1992. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HUFF, Arnaldo Érico Júnior. **Entre a saudade e o sonho**: duas canções de Tom Jobim numa prosa com Rubem Alves. Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião, Goiânia, Brasil, v. 21, n. 2, p. 311–327, 2023.

MARTINS, Gustavo Claudino; ALMEIDA, Edson Fernando. **O Canto do Pássaro Encantado**: a religião como saudade em Rubem Alves. In: Estudos de Religião, v. 31, n. 2. Maio-agosto 2017.

SCHOPENHAUER, A. **Sobre o Fundamento da Moral**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.